

GÊNERO, SUICÍDIO E ECOLOGIA: a atualidade dos manuscritos insólitos de Marx

GENDER, SUICIDE AND ECOLOGY: the current relevance of Marx's unusual manuscripts

Bruna Mayara Pereira de Araújo¹

UFRN: <https://orcid.org/0009-0000-9267-1714>

Helenita dos Santos Arruda²

MPRN: <https://orcid.org/0009-0008-8062-3326>

DOI: [10.21680/1982-1662.2025v8n42ID38178](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2025v8n42ID38178)

Resenha: LÖWY, Michael. Marx, esse desconhecido. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2023.

Em agosto de 2023 foi publicado no Brasil pela Boitempo o livro *Marx, esse desconhecido* de Michel Löwy, filósofo brasileiro teoricamente identificado com a tradição humanista do marxismo. Trata-se de textos divulgados anteriormente como artigos em livros ou revistas, os quais foram revistos e adaptados para esta obra, publicada originalmente em Francês, pela Éditions Le Retrait. Löwy é um escritor brasileiro nascido em 1938, em São Paulo. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), cursou doutorado na Universidade Sorbonne, em Paris, onde reside atualmente. O autor dedicou grande parte de seus estudos à discussão da obra de Marx, o que resultou na publicação de diversos livros em mais de 30 idiomas.

¹ E-mail: bmayara.araujo@gmail.com

² E-mail: arruda.helenita@gmail.com

Em seu livro, Löwy propõe-se a fazer um resgate do pensamento de Marx por meio da abordagem de temas pouco evidenciados historicamente dentro da produção marxiana. As temáticas mais clássicas de Marx, como revolução, alienação e classe, não deixam de serem abordadas, entretanto, o enfoque inicial está centrado em explorar assuntos menos conhecidos como o suicídio, a religião e a opressão contra as mulheres, por exemplo. Nessa perspectiva, o livro está dividido em duas partes. A primeira, intitulada de “explorações”, é voltada para as temáticas mais incomuns, contém os seguintes artigos: Um Marx insólito; História aberta e dialética do progresso em Marx; Marx e Engels como sociólogos da religião; Karl Marx, Friedrich Engels e a ecologia; Marx e Engels: comunistas românticos.

Nessa primeira parte, Löwy procurou evidenciar a vasta abrangência da obra de Marx, ao elucidar aspectos sociais, culturais e políticos que perpassam, inicialmente, pela questão do suicídio, sobretudo relacionado às mulheres e suas históricas opressões. Em seguida, trata da religião e, por fim, da ecologia. Tais temáticas, conforme apontado, não são consagradas como “clássicas” na produção intelectual de Marx, e evidenciam, de acordo com as palavras do próprio Löwy (2023, p. 16), “a riqueza, a relevância e a atualidade do pensamento marxiano”.

No primeiro capítulo, intitulado de “Um Marx insólito”, Löwy expõe que a produção sobre o suicídio de Marx se distingue do restante de suas obras, pois se trata de excertos de outro autor — Jacques Peuchet — traduzidos para o alemão, oriundos originalmente de uma coleção informal de incidentes e episódios constantes em arquivos policiais. De acordo com o autor, estes excertos sobre o suicídio são “uma das mais poderosas peças de acusação à opressão contra as mulheres já publicadas” (Löwy, 2023, p. 23), pois é por meio deles que o jovem Marx (1846) fará uma denúncia indignada a respeito do patriarcado e das relações burguesas, que veem a mulher como uma propriedade privada.

O suicídio, portanto, é abordado como sendo a expressão última desse sistema burguês e patriarcal, que objetifica e oprime as mulheres, sobretudo através de suas relações familiares e conjugais. Além disso, um outro aspecto importante de se destacar é o caráter transclassista desse fenômeno, uma vez que as histórias apresentadas não se limitam às mulheres proletárias, mas também às burguesas.

Nesse contexto, as questões de gênero tornam-se mais evidentes do que as de classe, o que permite depreender que a estrutura social da sociedade burguesa, e não somente a econômica, estabelece o contexto social fundamental para as causas do suicídio.

Na contemporaneidade, esses aspectos abordados por Marx continuam vigentes e ainda mais acentuados, pois o gênero evidencia um papel determinado culturalmente ao homem e à mulher, em que esta última assume um lugar subalternizado na hierarquia socialmente constituída. Dentre as diversas implicações, é possível observar “o aumento do suicídio em mulheres jovens principalmente em situações em que estão à mercê da autoridade de maridos e familiares” (Meneghel *et al.*, 2013, p. 209), além disso, a divisão sexual do trabalho doméstico, o cuidado com os filhos, a sobrecarga como cuidadora da família, o cumprimento de papéis sexuais também representam aspectos que podem contribuir para o aumento do suicídio em mulheres, conforme aponta a respectiva autora.

Por conseguinte, no segundo capítulo, denominado “História aberta e dialética do progresso em Marx”, são apresentadas discussões acerca da frequente e incorreta descrição de Marx como um pensador da ideologia do progresso quando, na verdade, “existe em Marx uma concepção dialética do progresso” (Löwy, 2023, p. 26), a qual é abordada a partir de duas concepções diferentes. A primeira delas, uma dialética hegeliana e tendencialmente eurocêntrica, demonstra características teleológicas e fechadas, ou seja, assume a ideia central de um fim predeterminado, necessário e inevitável. Essa dialética, conforme aponta o autor, “não está ausente em certos textos de Marx, que parecem considerar o desenvolvimento das forças produtivas [...] como idêntico ao progresso, na medida em que conduz necessariamente ao socialismo” (Löwy, 2023, p. 26). Já a segunda concepção interpreta a história de forma “crítica, não-teleológica e fundamentalmente aberta” (Löwy, 2023, p. 28). Ela pensa a história concomitantemente “como progresso e como catástrofe” (Löwy, 2023, p. 28), ou seja, há possibilidades de avanços e também de crises, pois não coaduna com a visão linear e determinista do progresso, reconhecendo que o processo histórico não está predeterminado, mas sim suscetível às contradições capitalistas, o que pode levar a diferentes resultados e caminhos.

No terceiro capítulo, intitulado “Marx e Engels como sociólogos da religião,” é feita uma revisão dos escritos desses autores para caracterizar suas contribuições à sociologia dos fatos religiosos. Löwy irá desmistificar que a famosa frase “a religião é o ópio do povo”, embora tenha sido escrita por Marx em um artigo de 1844, não foi originalmente formulada por ele, visto que se pode encontrá-la anteriormente em textos de outros autores como Kant, Bruno Bauer e outros.

A princípio, Marx analisava a religião de uma perspectiva neo-hegeliana de esquerda, como uma essência alienada, distanciada dos aspectos históricos e das relações de classe. A partir de 1846, em *A ideologia alemã*, ele começa a analisá-la através de lentes propriamente marxistas, passando a compreendê-la como uma forma de ideologia condicionada pela produção material e pelas relações sociais inerentes à sociedade capitalista. Cabe ressaltar que essa temática, especialmente a partir de 1846, não teve grande centralidade nas obras de Marx, com exceção das discussões a respeito da relação entre o protestantismo e a ascensão do capitalismo, encontradas em 1867, no livro *O Capital*. Por outro lado, Engels dedicou-se mais profundamente ao estudo da religião, com destaque para “a sua análise da relação entre as representações religiosas e as classes sociais” (Löwy, 2023, p. 44), a partir de uma lógica contraditória.

Nessa perspectiva, a religião segue ocupando um importante espaço na estrutura social contemporânea e representa um mecanismo fundamental para a perpetuação dos papéis estabelecidos historicamente na lógica capitalista. Um exemplo claro dessa postura nos dias atuais é a defesa da Igreja em relação à família patriarcal como um sistema incontestável de valores. Com essa idealização de família, é possível difundir valores conservadores e perpetuar as premissas básicas da sociedade de classes, pois “o modelo de família nuclear que aparta os indivíduos do convívio comunitário e coletivo, e institui uma dinâmica de vida privada, desenvolve uma funcionalidade indispensável ao capital, que é a introjeção nas personalidades das crianças dos papéis de classe” (Cisne; Santos, 2018, p. 61).

No quarto capítulo, denominado “Karl Marx, Friedrich Engels e a ecologia”, fica evidente o interesse dos autores pelas questões ambientais, muito embora essa não seja uma temática central em suas obras e não apresenta reflexões lineares, mas sim

de constantes reformulações e retificações. Autores como John Bellamy Foster e Kohei Saito, sobretudo este último, apontam que a partir de 1865-1866 Marx começa a internalizar uma visão mais crítica das relações do homem com a natureza, através da leitura dos escritos de Justus von Liebig (químico agrícola) e, posteriormente, do cientista alemão Carl Fraas.

A contar dessa época, Marx vai propor “uma espécie de teoria da ruptura do metabolismo entre as sociedades humanas e a natureza, em consequência do produtivismo do capitalismo” (Löwy, 2023, p. 65), destinando uma atenção privilegiada às questões relacionadas à agricultura e à devastação do solo. Logo, a exploração do trabalho e da natureza toma a centralidade da crítica de Marx, partindo-se do pressuposto de que são resultados da mesma lógica destrutiva em nome de um progresso degradante.

Nesse panorama, é somente a partir da década de 1970 que a questão ecológica torna-se centro das preocupações sociais de forma mais ampliada, porém, conforme aponta Ouriques (2004, p. 20), essa inquietação “promove e promoverá apenas mudanças aparentes, se não estiver inserida na luta pela eliminação da produção destrutiva que o capitalismo implica”. Em outras palavras, é preciso lutar contra o processo de acumulação capitalista, como já apontava Marx. Sob esse olhar, o que se propõe atualmente, diante do avançado contexto de degradação ambiental, é uma alternativa denominada de ecossocialismo, “uma proposta estratégica que resulta da convergência entre a reflexão ecológica e a reflexão socialista, a reflexão marxista” (Löwy, 2013, p. 81).

A emergência desta perspectiva é, segundo Querido (2013, p. 14), “praticamente contemporânea ao surgimento vertiginoso da crise ecológica na agenda política e social”. Nessa conjuntura, ainda de acordo com o autor, os filósofos Michael Löwy e Joel Kovel vêm ocupando um lugar privilegiado, por apresentarem, através da redação de dois manifestos internacionais a respeito do ecossocialismo, os princípios programáticos fundamentais do respectivo movimento. Nesse documento, Löwy e Kovel (2012, p. 03) apontam que o capitalismo precisa ser superado e que o socialismo continua sendo a alternativa para essa superação, portanto, é necessário “construir um ‘socialismo’ capaz de superar as crises que o capital iniciou. E se os ‘socialismos’

do passado falharam nisso, é nosso dever, se escolhermos um outro fim que não a barbárie, lutar por um socialismo que triunfe”.

Em seguida, tem-se o quinto e último capítulo da primeira parte da obra, com um artigo intitulado “Marx e Engels: comunistas românticos”, no qual Löwy assevera que esses autores não eram pensadores românticos e que, no entanto, foram fortemente influenciados pelo romantismo, tomado na obra não apenas como um fenômeno literário, mas sim como uma das principais formas de cultura moderna e como um protesto em nome do passado.

Por consequência, essa afinidade entre o Marxismo e o romantismo vai se expressar na ideia de “uma forma superior de organização social” baseada na junção de aspectos próprios da sociedade moderna, como o avanço tecnológico, e de atributos das comunidades pré-capitalistas, como a valorização de determinadas características da vida humana. O autor ressalta, ainda, que Marx e Engels mantinham muito respeito por alguns socialistas românticos e aponta que, apesar de sua influência, o romantismo é uma das discussões negligenciadas em Marx e Engels, “tão importante para seus trabalhos quanto o neo-hegelianismo alemão e o materialismo francês” (Löwy, 2023, p. 89).

No tocante à segunda parte do livro, denominada de “revoluções”, tem-se artigos com as seguintes titulações: Prática revolucionária: os primeiros escritos; A “poesia do passado”: Marx e a Revolução Francesa; Marx, Engels e a revolução permanente: Alemanha (1844-1850) e Rússia (1881-1882); Karl Marx, Friedrich Engels e as revoluções de 1848; e Globalização e internacionalismo: atualidade do Manifesto Comunista.

Conforme a descrição de Löwy, a partir desses artigos são apresentados temas mais “clássicos” da produção marxista. O autor defende que, apesar de o pensamento de Marx possuir certos “limites inevitáveis” (Löwy, 2023, p. 16), concernentes à sua época, os escritos de Marx são considerados indispensáveis a qualquer pensamento crítico direcionados a uma perspectiva de apreensão e transformação de nossa realidade social contemporânea, a qual se mantém sob dominação da lógica do capitalismo.

Nesse sentido, o autor explica no artigo “Prática revolucionária: os primeiros escritos” que o conceito de “revolução”, originalmente relacionado ao movimento dos planetas, evoluiu após o século XVI para descrever mudanças radicais na ordem social e política, como a Revolução Francesa, que Marx utiliza como referência principal. Löwy (2023, p. 109) afirma que “as análises de Marx sobre os eventos revolucionários sempre estiveram ligadas ao conceito de luta de classes”, considerando a Revolução Francesa, a Revolução Inglesa e a Comuna de Paris como exemplos de revoluções burguesas e proletárias, respectivamente. Sua teoria da revolução proletária, desenvolvida em seus primeiros escritos, critica a ideia de que a revolução surge do pensamento filosófico e defende que o proletariado é o agente ativo da mudança social, capaz de transformar tanto as condições materiais quanto sua própria consciência. Essa perspectiva é aprofundada em seus escritos posteriores, como *A Ideologia Alemã* e o *Manifesto Comunista*, onde Marx e Engels argumentam contra o vanguardismo e defendem a autoemancipação do proletariado, propondo a formação de governos paralelos e a luta contínua até a conquista do poder estatal pelos trabalhadores.

Para Marx, a Revolução Francesa consistia na “Revolução por excelência” (Löwy, 2023, p. 130) e, seguramente, em uma revolução burguesa. Essa é a temática central do segundo texto, intitulado de “A Poesia do passado: Marx e a Revolução Francesa”, o qual demonstra que, por meio de uma ampla análise do processo revolucionário francês, os interesses da classe burguesa prevaleceram e o significado dessa vitória materializou-se em novas relações de produção e em novos valores econômicos, sociais e culturais. Por conseguinte, evidencia-se a necessidade de uma nova revolução, desta vez pautada na ruptura com o aparelho burocrático do Estado.

Já em “Marx, Engels e a revolução permanente: Alemanha (1844-1850) e Rússia(1881-1882)”, Löwy, ao se debruçar sobre uma série de textos, expõe que Marx e Engels possuíam uma visão complexa e por vezes contraditória sobre a revolução em países atrasados, semifeudais ou absolutistas. Em alguns escritos, sugerem uma abordagem “etapista”, onde a revolução burguesa ou o desenvolvimento capitalista é uma condição necessária para uma futura revolução socialista. No entanto, também aparece a ideia de uma revolução permanente, onde a revolução democrática poderia

se transformar diretamente em uma revolução proletária, mesmo em países periféricos. Essa última perspectiva é fragmentada e não sistematizada, mas reflete uma abertura metodológica que antecipa movimentos revolucionários do século XX, como na Rússia em 1917. Para Marx e Engels, as revoluções poderiam surgir na periferia do capitalismo e não necessariamente em países mais desenvolvidos, desafiando o determinismo econômico e a linearidade histórica.

Ideia esta que Löwy continua a explorar em “Karl Marx, Friedrich Engels e as revoluções de 1848” quando afirma que no *Manifesto Comunista* Marx e Engels previram a ocorrência de uma revolução na Alemanha, apresentando uma tática e uma estratégia para o evento que se aproximava, ao afirmar que, naquele momento, os comunistas direcionaram suas atenções à Alemanha, identificando que essa revolução como um passo rumo ao que ele chamou de “revolução proletária”. É tanto que Löwy relembra que, quando a revolução eclodiu em março de 1848, Marx e Engels se mudaram para Colônia, cidade onde publicaram, por mais de um ano, o Jornal *La Nouvelle Gazette Rhénane*.

De acordo com Löwy (2033, pp. 171-2), em 1848, as publicações de Marx demonstraram que ele objetivava oferecer uma contribuição para estabelecer “uma aliança de forças progressistas, do movimento operário à oposição burguesa à monarquia prussiana, representada pela Assembleia de Frankfurt”. Porém, naquele mesmo ano, Engels constatava a capitulação desta assembleia ao poder absolutista.

Nessa perspectiva, Löwy (2023, p. 172) afirma que, no final de 1848, Marx publicou o artigo *A burguesia e a contrarrevolução*, no qual chega à conclusão de que na Alemanha somente seria possível “uma contrarrevolução feudal e absolutista ou uma revolução social-republicana”. Meses depois, a revolução foi derrotada e Marx e Engels ficaram exilados na Inglaterra, onde publicaram a revista *Neue Rheinische Zeitung*, a qual lançou somente 06 (seis) números ao longo de 1850. Ademais, o autor menciona que, no decorrer de 1848 e 1850, Marx e Engels escreveram vários artigos sobre o levante republicano na França, reunidos em uma publicação intitulada *As lutas de classe na França de 1848 a 1850*, detalhando o percurso de análise desses dois autores sobre as revoluções ocorridas nessa época, descrevendo como Marx se utilizou da concepção materialista nas citadas análises.

Em resumo, o autor discorre sobre as defesas políticas e ideológicas que permearam a produção intelectual de Marx e Engels durante a revolução de março de 1848 na Alemanha. Novamente Löwy mergulha na produção de Marx e Engels para esboçar como os mencionados autores analisam as “revoluções” ocorridas entre fevereiro de 1848 a março de 1850, a luz do conflito entre classes dominantes e dominadas.

Mais adiante, Löwy destaca que, na produção teórica dessa época, Marx considerou a autonomia relativa das lutas de classes, destacando que, de certa forma, Marx teria observado que é pelo conflito social que advém os conflitos políticos e não puramente pelos movimentos da economia, ainda que em última instância. Nesse sentido, Löwy (2023, p. 176), ao analisar a obra e o pensamento de Engels sobre Marx, afirma que, no *18 de Brumário*, este reconhece a existência da autonomia relativa da política e de suas representações.

Em seguida, no artigo “Globalização e internacionalismo: atualidade do Manifesto Comunista”, Löwy expõe sua análise quanto ao *Manifesto Comunista*, inicialmente comparando a obra à bíblia pelo número de vezes em que ela foi traduzida e reeditada pelo mundo, bem como pelo que ele chama de denúncia profética de injustiça social. E segue sua explanação ao ressaltar que a produção marxista rompe de modo radical com qualquer visão linear da história e com a ilusão de um futuro certo ao afirmar que nessa obra, Marx vai além de um diagnóstico profético marcado por limitações da sua época. Segundo o autor, Marx captura para além “da potência global do capitalismo” (Löwy, 2023, p.191).

Para Löwy (2023, p. 192), nessa publicação, Marx expõe “um chamado urgente ao combate internacional contra essa dominação”. Em suma, o autor situa que Marx e Engels apreenderam a constatação de que o capital somente poderia ser combatido, por meio de ações do proletariado e de seus aliados, no âmbito da mesma lógica capitalista histórica e mundial das formas de vitimação desse sistema.

Nisso, Löwy (2023, p. 196) conclui que, no “combate global contra a chamada globalização capitalista, as lutas nos países industriais avançados, que dominam a economia mundial, têm um papel decisivo [...]”. Assim, o autor faz uma análise das obras de Marx à luz da contemporaneidade (inclusive daquelas em coautoria com

Engels). E ao ponderar a produção crítica de vários autores na época, bem como das produções advindas de momento pós-morte de Marx, verifica que tais produções possuíram “um papel decisivo: uma mudança profunda da relação de forças internacional é impossível sem que o próprio ‘centro’ do sistema capitalista seja tocado” (Löwy , 2023, p. 197).

Então, após analisar/discorrer acerca de várias obras da época, inclusive *O Capital*, Löwy (2023, p. 197) apreende que é por meio da convergência entre a renovação da tradição socialista (elaborada por Marx no *Manifesto Comunista*) e das “aspirações universalistas, humanistas, libertárias, ecológicas, feministas e democráticas dos novos movimentos sociais” que será possível o surgimento do chamado “internacionalismo do século XXI” .

Em linhas gerais, no livro *Marx, esse desconhecido*, observa-se que Löwy faz uma análise densa dos escritos do jovem Marx e do Marx tardio com a finalidade de comprovar a argumentação de que a produção intelectual do autor em tela, incluindo-se a obra produzida em coautoria com Friedrich Engels, guarda relevância com lutas empreendidas pelos movimentos sociais na contemporaneidade. E, em outras palavras, defende que essa vasta produção (Marx e Engels) ainda é apresentada de maneira pouco conhecida em sua essência, sendo, portanto, imprescindível analisá-la em sua profundidade à luz da atualidade. Nisto se encontra justificado todo o seu esforço bibliográfico, documental, analítico e histórico-comparativo do autor ao longo do livro.

Referências

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. 1a edição. São Paulo: Cortez, 2018.

KOVEL, Joel; LÖWY, Michael. **Manifesto Ecosocialista Internacional**. Círculos Marxistas - Sessão X. Disponível em: https://circulosmarxistas.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/11/lowy_kovel.pdf. Acesso: 20 dez. 2024.

LÖWY, Michael. Marx, esse desconhecido, 1a edição. São Paulo: Boitempo, 2023.

LÖWY, Michael. Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 26, n. 67, p. 79-86, Jan./Abr. 2013.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/dZvstrPz9ncnrSQtYdsHb7D/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso: 02 jan. 2025.

MENEGHEL, Stela; HESLER, Lilian Zielke; CECCON, Roger Flores; TRINDADE, Aline Gewehr; PEREIRA, Sanderlei. Suicídio de mulheres: Uma situação limite?. **Athenea Digital**, v. 13, n. 2, p. 207-217, 2013. Disponível em:

<https://atheneadigital.net/article/view/v13-n2-meneghel-hesler-ceccon-et al>. Acesso

em: 22 dez. 2024.

OURIQUES, Helton Ricardo. A questão ecológica no capitalismo: uma crítica marxista. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 22, p. 19-38, 2004. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/1180/1911>. Acesso:

21 dez. 2024.

QUERIDO, Fabio Mascaro. “Alarme de Incêndio”: Michel Lowy e a crítica ecossocialista da civilização capitalista moderna. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 11-26, jan./abr. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tes/a/gnbGLMjVmXDgTPshb973ZYy/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso: 20 dez. 2024.

Recebido: 06 nov 2024

Aceito: 29 jan 2025